



REALIDADE E CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “OS POBRES” DE RAUL BRANDÃO

Profª Maria Wellitania de Oliveira Cabral
<http://lattes.cnpq.br/5245962562030719>

A literatura dos dois últimos decênios do século XIX em Portugal está diretamente ligada a um profundo estado depressivo. O homem que acreditava ter acesso aos segredos do universo, via razão e via progresso, vê de repente que tudo não passa de ilusão, que o universo é regido por forças incontroláveis que ele desconhece completamente. Esse sentimento leva-o à descrença, ao desalento e faz com que adote uma postura de desprezo em relação a tudo que lembre o mundo burguês da luta, da operosidade, da conquista.

No período que vai de 1890 a 1930 assistimos a uma espécie de desintegração e de tentativa de criação de uma nova prosa e de uma nova poesia. Esta inquietação transmite-se a Raul Brandão, que procura comunicar ao leitor um permanente maravilhar-se perante os obstáculos da vida, a intensidade das sensações, sobretudo visuais; mas a imagem das pessoas é por vezes espectral, como se um espelho mágico as deformasse e as fizesse oscilar entre o grotesco e o sublime. Manifesta-se também nas suas prosas e nos seus dramas uma simpatia pelos infelizes – os pobres, os pescadores – e sobretudo o sentimento de não poder fazer nada por eles. (MOISÉS, 1997)

Nesse período, Raul Brandão trabalhava como jornalista. Foi através desta atividade que tomou conhecimento mais direto da miséria, do crime na sociedade da época. É esse contato com a sordidez que lhe inspira *Os Pobres*. Uma revolução do romance e novelística portugueses começa com esta obra, tanto em nível estrutural como em nível temático. A maneira como o autor elabora a enunciação, ligando-a ora à temática central da obra ora a seus subtemas, como o da fé e da incredulidade, ou ao do bem e do mal, concorrem para que o leitor perceba que está diante, não de um fazer ‘com arte’, mas de um ‘fazer arte’, tendo em vista que a “arte propriamente dita conduz à especificação da *formatividade*, exercitada, não mais tendo em vista outros fins, mas a finalidade é ela em si mesma” (PAREYSON, 1993, p.37).

Nessas obras, que pendem entre o romance e o poema em prosa exacerba-se o trágico sentimento de que a existência é inócua, gratuita e plena de dor. No diálogo que o

homem trava com o Cosmos, gera-se o “espanto”, a impressão fantasmagórica de que a vida não tem finalidade alguma, pois jamais se alcança o mínimo de realização concreta ou de entendimento capaz de justificá-la, como se o mundo fosse apenas habitado por espectros e fantasmas, sub-homens que formam um “enxurro humano” soltando uma voz triste, gritando, produzindo som plangente. No mundo desses seres rastejantes só há lugar para o gemido, para a dor. Diante deste cenário, Brandão (1903, p. 52) afirma:

Eu tinha visto que a dor era sempre necessária para se produzir alguma coisa de belo: para se agarrar um pedaço de sonho, que, apenas entrevisto, foge; para que nas nossas mãos esqueléticas fique um farrapo dessa figura de prodígio; para que a vida tenha um fim; para amar; para criar; para que alguma coisa de duradouro reste.

A obra “Os Pobres”, não está de modo algum fora do contexto histórico. Ela incorpora a história da arte e a história do homem sem que, para isso, necessite de marcadores temporais ou espaciais. O tema que norteia a obra, a questão da decadência e da espiritualidade, está em consonância com a retórica pluralizante do Simbolismo.

O momento é único: vai perder-se amanhã. Séculos de canseira para terem num minuto a consciência do universo; séculos de sonhos tremeluzindo no fundo da obscuridade, para não virem afinal à luz, séculos de amargura, de esforços, de tentativas abortadas – para não chegares afinal a viver. É como ir a uma árvore e arrancar-lhe toda a flor... (Idem,ibidem, p.89)

Os Pobres refletem o desencanto corrente, o descrédito ao cientificismo, incapaz de dar conta de questões subjetivas, como a psique humana. Por outro lado, esse mesmo cientificismo é um “fato” inabalável, manifesto pelos avanços tecnológicos irreversíveis, difundidos entre os homens no início do século XX.

O homem tem em si partículas de tudo o que no universo existe: metais, pedra, etc. É um universo reduzido. Conforme nele predominam determinadas moléculas, assim odeia ou ama.

Quando é que a química será tão grande, que possa fazer esta análise?... (BRANDÃO, 1903, p. 91-92)

Praticamente sem enredo, *Os Pobres* compõem-se de uma seqüência de flagrantes, ou impressões, em torno dos miseráveis que se multiplicam com rapidez na

cidade grande (Lisboa), desde a meretriz por ingenuidade ou fome, até o sonhador e filósofo irremediável. É o que constitui o enxurro humano: sonhadores, vagabundos, líricos, alucinados, ansiosos, criaturas a quem as muitas desgraças tornam ainda mais ridículas: a ruína, a miséria e a fome. Assim, em *Os Pobres*, surge a seguinte indagação: “De que precisam os poetas para fazer uma obra de gênio? De dor. O sofrimento cria.” (Idem, *ibidem*, p. 53) O autor, nesta obra nos mostra personagens que se condoem com as aflições, que choram, que se encolhem no mutismo, que lamentam, que se desdobram, que se anulam, que se sujeitam a sofrer privações e humilhações.

Não só as pessoas, mas também a própria natureza exala gemido secreto, clamando por um pouco de paz, de felicidade impossível. A injustiça social lança para as vielas aqueles que muito esperam da vida e não se revoltaram nem bajularam os senhores e os poderosos. “Os pobres são como os rios. Estancam a sede da terra, fazem inchar as raízes e crescer as árvores; acarretam; moem o pão nos moinhos. Ei-la a vida da terra. Todas as catedrais se construíram da sua dor; sem eles a vida pararia.” (Idem, *ibidem*, p. 199-200)

Este livro retrata verdadeiros “quadros” da realidade do homem urbano, em face do meio que o rodeia. Raul Brandão usou de técnica narrativa diversa, cada capítulo é uma estrutura completa e independente. Por meio disto, vemos a simultaneidade das ações, recursos que nos dão o dinamismo contínuo da vida, e pelo qual a realidade é tomada em bloco – alterando-se a sucessão de fatos, segundo a sua colocação no tempo ou o seu reflexo no espírito. Sobre esse assunto Langer (1980, p.302) afirma:

O escritor de ficção em prosa, como qualquer outro poeta, fabrica uma ilusão de vida inteiramente vivida e sentida, e apresenta-a na perspectiva “literária” que eu denominei de “modo mnemônico” – como a memória, só que despersonalizada, objetiva. Sua primeira tarefa é tornar essa ilusão convincente, isto é, fazê-la, por mais distante da realidade que ela esteja, parecer real.

Faz parte da natureza do processo formativo de uma obra reordenar o real empírico, pois “Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no todo da obra já o altera, porque repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la” (ISER, 1996, p.11).

Os *Pobres* emblematizam o homem reduzido à miséria, embora capaz de sentir o universo e chegar à essência do belo. Contudo, essa beleza só é possível pelo sofrimento, criando, assim, um ciclo ininterrupto da pobreza humana, como se a vida fosse uma corrente em que os elos se repetissem sempre, numa fatalidade aceita. Quanto ao estilo, o autor consegue a adesão à realidade pela linguagem poética e filosófica. Esse estilo é um dos grandes fatores da força emotiva que emana do livro e da caracterização das criaturas sub-humanas nele retratadas. Esse procedimento criativo está presente na obra em análise, especialmente no entrelaçamento de vozes, o que permite uma abertura de horizontes, que faz o texto romper as estruturas dominantes no mundo real, os sistemas sociais e as configurações interpretativas primárias. “Entras na vida e modelam-te; mestres, amigos, livros, amassam-te e modelam-te. Para quê? Para te fazerem feliz – dizem. Deixem-me ser desgraçado à minha vontade!...” (BRANDÃO, p. 132)

Brandão nos dá um retrato pungente do homem que nasce condenado às imposições duras da sociedade, vivendo sob a contínua violência, que, com muita frequência, estende sobre ele a dor e a morte, fazendo-o arrastar-se como um condenado e humilhando-se à procura de saciar sua fome. O inimigo do homem é uma paisagem escura, agressiva, triste, desafiadora que, por todo lado, sugere destruição e morte.

Ao longo da elaboração da narrativa, o ficcionista empenha-se em selecionar as melhores modulações de voz, revelando, assim, a consciência formativa que o norteia, ou como postula Pareyson (1993, p.54),

Quando um olhar lançado à natureza cessa, ao menos por um instante, de ser distraído, e se reconhece no encanto e na admiração e, levado por um subtâneo interesse, tenta olhar mais a fundo as coisas para lhes captar o segredo e delinear uma imagem que lhes dê vivacidade de maneira a permitir contemplar sua beleza...

O livro tem força original na utilização de uma série de motivos, que da maneira como são distribuídos chegam a ser o substituto da ação e da trama. Tais motivos são apresentados abertamente pelo discurso. São motivos que dão ao texto dramaticidade – as árvores, a neblina, o mistério, os gritos de dor; a zoomorfização e antropomorfização das criaturas, pessoas figuradas como coisas; silêncio na natureza. Temos ainda, os motivos-personagens: o Gebo, O Morto, a Mouca etc. Pela narrativa se exemplifica que o

homem aí está convertido em paisagem, em coisas, em animal. Temos um homem silencioso pela condição de pobre, com idéias fragmentadas sobre a realidade.

Para se criar é preciso sofrer. Hoje e sempre só a dor é que dá a vida às coisas inanimadas. Com um escopro e um tronco inerte faz-se uma obra admirável, se o escultor sofreu. Mais: com palavras, com sons perdidos, com imaterialidades, consegue-se este milagre: fazer rir, fazer sonhar, arrancar lágrimas a outras criaturas. (BRANDÃO, 1903, p. 53)

O estilo de Raul Brandão, hipermetafórico e ondulante, mais próximo da poesia do que do romance, acompanha as fases evolutivas de sua carreira literária. Mais poeta que ficcionista (ou prosador), tornou-se quem melhor realizou a tendência fundamental da prosa simbolista, acabando por ser o mais importante prosador do Simbolismo português. O modo peculiar e único que o ficcionista adotou para recriar o procedimento enunciativo está em consonância com a seguinte formulação:

A operação artística como exercício de formatividade pura em um duplo processo: primeiro, a humanidade e a espiritualidade do artista, colocadas sob o signo da formatividade, especificam melhor a própria vocação formal e se fazem elas mesmas modo de formar, ou seja, estilo; segundo, a intenção formativa se define no mesmo ato que adota sua matéria e lhe transforma as resistências em estímulos e sugestões (PAREYSON, 1993, p. 56).

Brandão demonstra seu especial interesse pelo social, quando seleciona as personagens, tendo como referencial, não suas individualidades, mas suas posições dentro do sistema social. Trata-se de uma fantasia vivida pelo autor e que consegue levar o leitor a viver uma rica experiência imaginativa, tendo a intenção de aproximar ao máximo o leitor e sua obra. O escritor prende-o por uma linguagem altamente lírica, característica própria do Simbolismo, que faz do livro uma prosa poética.

Este mundo é talvez, como disse um filósofo desconhecido, uma gota caída dum oceano infinito de beleza.
O universo é o sonho dolorido de Deus.
Nada se perde. A alma, as idéias e as emoções fazem parte da força que faz florir o céu e os humildes pomares ignorados.
Eu coleciono a dor. Passo a vida a juntar farrapos desse manto em fogo.
(BRANDÃO, 1903, p.54).

Trata-se de uma obra sem marcadores temporais, essenciais em narrativas. A voz que fala em primeira pessoa despreza os aspectos objetivos da realidade e situa-se no puro espaço das imagens poéticas, de modo que o andamento temporal da narrativa se anula, o mesmo acontece com o espaço, que se alarga até abarcar todo o Universo.

O discurso induz a um futuro que é presente ou já é pretérito, assim, intermediando o que se mantém secreto, como as alegrias, os clamores, agindo dentro dos problemas individuais e coletivos. Segundo Brandão (1903, p.28):

E como estes, mais. A toda a hora vai o enxurro humano polindo as pedras. A ventania açouta o casarão e passa, levando poeira de cisma, ais, para outro mundo ignoto. Com a noite redobra a vida desta multidão feita de terriço: certos homens são sonhos, outros gritos. Põe-se o Gebo a contar sua história, surge uma velha trágica, com o caio dos palhaços, e o Gabiru, filósofo esguio que tem descoberto mundos e ignora as coisas mais simples da vida...

O autor, coroado de êxito, faz os personagens agirem com o psicológico, estão voltados continuamente para os padrões psicológicos, lidam com situações improváveis, como se fosse uma exigência de um realismo social. Segundo Castagnino (s/d, p.146): “O admirável privilégio do romancista é precisamente o poder que tem de criar os seres capazes de passar de um destino a outro, e que superiores às criaturas vivas, podem recomeçar suas vidas em condições novas.”

CONCLUSÃO

A obra é uma narrativa povoada pela tragicidade causada pela pobreza. Assim vai trilhando caminhos simbolistas, recheados de decadentismo, marcado pelo naturalismo e focado no existencialismo.

A seqüência narrativa corresponde à habilidade e ao ofício que o autor possui, ele dissimula a união das partes para evitar desvio da atenção do leitor. É uma seqüência narrativa em capítulos, o que é muito comum em narrativas. A passagem de uma parte para outra é variada e giram sobre palavras, pensamentos, fatos, personagens ou mesmo um objeto; pois narrar é díspar acontecimento no tempo.

A cuidadosa elaboração dos componentes textuais da obra em exame tem a incumbência de atribuir significado à mesma, em relação à estrutura, e à possibilidade do alcance metafísico dos fenômenos que se apresentam na experiência estética, pois sua

qualidade artística concorre prioritariamente para que a profunda humanidade espelhada em sua ficção se revele, confirmando o lugar central que a arte ocupa na experiência humana.

Nesta obra temos tudo o que caracteriza a sociedade atual, a violência, a prostituição, a pobreza, a sabedoria, a solidariedade e o amor, todos num mesmo ambiente envolto pela natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALAKIAN, Anna. **O Simbolismo**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1985.

BRANDÃO, Raul. **Os Pobres**. Home Page: www.ipn.pt/literatura; Projecto Vercial, 2001.

CASTAGNINO, H. Raul. **Análise Literária** – Introdução Metodológica a uma Estilística Integral. São Paulo: **Mestre Jou**, s/d.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LANGER, Susanne K. **Sentimento e Forma**. Tradução de Ana M. Goldberger e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 29ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PAREYSON, Luigi. **Estética: teoria da formatividade**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.

SOBRE A AUTORA:

Maria Wellitania de Oliveira Cabral, mestranda em Teoria e Crítica Literária pela UCG - Universidade Católica de Goiás; possui graduação em Letras pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Palmas (2000); Pós-Ggruação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela IBPEX (2005); Pós-Graduação em Orientação Educacional pela UNIVERSO (2002). Atualmente é professora concursada da Fundação UNIRG, atua na área de Literaturas de Língua Portuguesa, Cultura Brasileira e Teoria Literária.